

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

RUA VICTÓRIO VIEZZER, 84 - CAIXA POSTAL 2.208 - CEP 80810-340 - CURITIBA - PR
FONE: (41) 3240-4000 - FAX: (41) 3240-4001 - SITE: www.crmpr.org.br - E-MAIL: protocolo@crmpr.org.br

PARECER Nº 1995/2008 CRM-PR

PROCESSO CONSULTA N. º116 /2008– PROTOCOLO N.º14280/2008

ASSUNTO: GRAFOLOGIA

PARECERISTA: CONS. ROSENI TERESINHA FLORÊNCIO

Ementa: A Grafologia, técnica que estuda a escrita das pessoas, não faz parte de nenhuma especialidade ou área de atuação do médico, reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina. Assim como, a Grafologia não dispõe ainda de estudos científicos suficientes, que indiquem a sua utilização como método diagnóstico e aplicação na Medicina. Portanto, não pode o médico aplicar, divulgar ou ensinar essa técnica, apoiando-se na sua profissão de médico.

CONSULTA

Em documento encaminhado ao Conselho Regional de Medicina do Paraná, a consulente G. B., orientadora fiscal da Comissão de Orientação e Fiscalização – CRPXX, Subsede C., formula consulta nos seguintes termos:

“Bom dia! Sou orientadora fiscal do Conselho Regional de Psicologia e gostaria de pedir o auxílio de vcs numa questão. Gostaria de saber se o médico pode utilizar a Grafologia como instrumento de avaliação no seu trabalho, assim como ministrar aulas sobre o assunto. Temos o caso de um médico que irá ministrar aulas em uma clínica de psicologia. A Grafologia não é uma técnica aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia; dessa forma, precisamos dessa informação (se o médico pode utilizar a Grafologia ou não) para podermos fazer a orientação à psicóloga que está oferecendo a clínica para o médico ministrar o curso. Grata!”.

FUNDAMENTAÇÃO E PARECER

A Grafologia tem várias definições, sendo que, dentre elas, há uma expressão clara e simples de entender: A grafologia é, em sentido amplo, o estudo da escrita (do grego graphos, escrita e logos, estudo ou tratado).

Ela é utilizada com método para inferir atributos psicológicos, sociais, ocupacionais e médicos de uma pessoa a partir da configuração das suas letras, linhas e parágrafos. Segundo os grafólogos, essas informações

são tiradas somente da escrita e não da composição do texto. A Grafologia afirma ser possível determinar se alguém é líder, empreendedor ou um estorvo para uma empresa, por exemplo, apenas analisando a sua letra e diz também ser possível determinar até a compatibilidade matrimonial.

A Grafologia se baseia no fato de que o cérebro é a fonte da escrita e somente os seres humanos possuem essa capacidade; com isso, a personalidade e as emoções atuam sobre o gesto gráfico.

Existe distinção entre Grafologia e Grafotecnia (ou Grafoscopia). Esta última está relacionada à análise da letra como uma característica individual do ser humano e é a base das perícias para verificação de autenticidade das assinaturas. Quando escrevemos, os gestos são tão automatizados que nossa mão se move duas vezes mais rápido do que podemos controlar conscientemente. Assim, introduzimos certas características muito sutis, um ganchinho aqui, uma leve mudança de inclinação lá, que quando feitas de modo intencional por um falsário, por exemplo, perdem certas características de dinamismo que permitem identificar o lançamento como falso ou não autêntico. Mesmo quando a pessoa tenta disfarçar a letra, muitas vezes é possível encontrar suas características, seus hábitos gráficos, permitindo identificar quem falsificou uma determinada assinatura. A análise da assinatura é técnica utilizada, pela sua simplicidade, confiabilidade e baixo custo.

A Grafologia tem acompanhado a civilização desde a própria invenção da escrita. Os romanos, gregos, chineses, cristãos e judeus procuravam traços da personalidade das pessoas em sua caligrafia. No entanto, foi somente no século XIX, na França, que o termo Grafologia foi criado pelo abade Jean-Hippolyte Michon, apesar do primeiro trabalho sobre algo parecido com o que hoje chamamos de Grafologia ter sido publicado pelo médico italiano Camillo Baldi, ainda no século XVII.

São os escritos de Michon que formam a base da Grafologia "analítica" ou "atomista" atual, onde os traços da personalidade são inferidos a partir de características da letra em si, como a posição e tipo dos pingos nos i's, em oposição à Grafologia "holística", criada por um discípulo dele, Crepieux-Jamin, na qual o analista utiliza uma impressão geral que o texto escrito como um todo lhe inspira, para inferir os traços da personalidade.

No Brasil, o marco da Grafologia é a publicação do livro "A Grafologia em Medicina Legal" do Dr. Costa Pinto em 1900 e hoje, existe a Sociedade Brasileira de Grafologia. Essa Sociedade criou o "Código Brasileiro de Ética do Grafólogo", que consta de 12 artigos, estando em vigor desde 07/2006.

Existem vários cursos e organizações grafológicas dentro e fora do país e alguns cursos, apesar da falta de base científica para tal prática, são ministrados em Universidades, principalmente na Itália, França, Espanha e Israel. Na Europa, existem vários artigos publicados sobre o assunto.

É verdade que a personalidade pode influenciar o desenvolvimento do potencial genético das habilidades motoras do ser humano. É fácil entender como fatores como ousadia, agressividade, persistência, vontade de participar em atividades em grupo determinam o quanto uma criança irá se desenvolver, tendo em vista a importância das habilidades motoras ensaiadas em grupo. O controle motor fino exigido para atividades como tocar um instrumento musical, tricotar ou escrever é um refinamento das habilidades motoras gerais e também vai depender de persistência e concentração. Então é de se esperar que pessoas perseverantes e com alta capacidade de concentração possuam boa caligrafia. No entanto, as correlações entre os aspectos gráficos da escrita como inclinação, pressão e gênese das letras e os aspectos individuais da personalidade precisam ser demonstradas através de estudos cientificamente rigorosos, verificados de forma independentemente, a fim de que se possa conhecer o real valor dessas análises.

Muitos grafólogos, quando perguntados sobre as evidências científicas que validam suas práticas, apresentam livros escritos por outros grafólogos que também não se baseiam em estudos científicos.

Também é bastante comum a tentativa de validação da Grafologia através do grau de satisfação dos gerentes de empresas com os empregados contratados através deste tipo análise. No entanto, para uma análise

completa seria preciso analisar também o desempenho de um outro grupo - pessoas que foram reprovadas no teste da Grafologia. Só assim seria possível confirmar que a análise grafológica é uma metodologia válida de seleção, pois talvez os gerentes ficassem ainda mais satisfeitos com este outro grupo. Por exemplo, no livro de Peter West, "Grafologia", ele afirma que a uma barra do T minúsculo curta significa "falta de autocontrole; não gosta de disciplinas impostas", ao passo que Maurício Xandró em seu livro "Grafologia para Todos", explica que este mesmo tipo de barra "é um sinal de potência volitiva não isenta de autocontrole (...) há controle de si mesmo, esforço bem dirigido e domínio". Nesse caso, uma mesma pessoa teria avaliações completamente opostas!

Os grafólogos também alegam poder diagnosticar distúrbios como hipocondria, paranóia, esquizofrenia e depressão, mas, não há estudos científicos publicados em revistas científicas que suportem tais alegações. No entanto é possível encontrar anúncios de cursos de Grafologia que dizem explicitamente que após a conclusão o aluno será capaz de realizar a "detecção de casos de hipocondria, depressão, entre outras". No Brasil, não encontrei nenhum estudo médico publicado sobre Grafologia.

Existe uma ciência baseada na escrita, chamada Grafonômica (do original em inglês, Graphonomics), que surgiu no início dos anos 80 e visa verificar quais são os processos neuromotores por trás da escrita e desenhos humanos.

A Grafologia aplicada nas perícias criminais, na verdade é a Grafotecnia. Quando alguém é suspeito de um crime e uma das provas é um bilhete manuscrito, os investigadores podem chamar um especialista em caligrafia para resolver a questão. A análise de um documento escrito é uma das bases legais para a identificação forense de um indivíduo. Em alguns casos, pode ser justamente a prova que faz com que o suspeito seja acusado e até mesmo condenado. E se for uma combinação falsa? Como os especialistas conseguem analisar a caligrafia de alguém?

No mundo das análises forenses, que incluem investigação da cena do crime, testes de DNA, análise de fibras, digitais, narcóticos e identificação de voz, a análise de caligrafia se enquadra na área de documentoscopia - que é a parte da criminalística que tem por objetivo o exame de todos os elementos que compõem um documento. Os pesquisadores de documentoscopia analisam os documentos questionados em busca de sinais de alteração e falsificação e, quando existem amostras, comparam a caligrafia ou datilografia para determinar ou desconsiderar os autores. No caso de datilografia, eles usam máquinas específicas para identificação. A análise de caligrafia é um processo o e metódico, que requer um vasto conhecimento de como as pessoas formam as letras, de quais características de formação de letras são únicas e do processo psicológico por trás da escrita. É a análise de como as habilidades motoras das pessoas podem afetar suas caligrafias e deixar pistas sobre a identidade do autor.

O fundamento principal da análise de caligrafia como uma ciência é que cada pessoa no mundo tem uma maneira única de escrever. De acordo com João Bosco, autor do livro Grafologia: a ciência da escrita, "Da mesma forma que uma impressão digital jamais se repete, não existe no mundo uma grafia igual a outra. Também não se pode alterá-la de propósito, mesmo que mudem alguns detalhes". Quando crianças, aprendemos a escrever com um caderno de caligrafia um determinado estilo de escrita. O caderno de caligrafia em que baseamos nossa escrita vai depender de quando e onde crescemos. Então, a princípio, provavelmente escrevíamos de uma maneira parecida com a das crianças de mesma idade e local. Com o passar do tempo, aquelas características de escrita que aprendemos na escola, nossas características de estilo, ficam apenas subjacentes em nossa caligrafia. Desenvolvemos características individuais, que nos são peculiares e diferenciam nossa caligrafia daquela de outra pessoa. A maioria de nós não escreve da mesma maneira que escrevia na primeira ou segunda série. Enquanto duas ou mais pessoas podem ter certas características individuais semelhantes, a chance de elas terem 20 ou 30 características iguais é tão improvável que muitos analistas

consideram isso impossível.

Alguns problemas afetam a exatidão da análise de caligrafia, quais sejam:

- Não é possível fazer uma comparação significativa entre letras maiúsculas e minúsculas;
- Drogas, exaustão ou doença alteram a caligrafia de uma pessoa;
- A qualidade das amostras determina a qualidade de uma análise comparativa, e é difícil conseguir boas amostras.

A maior dificuldade para a análise de caligrafia como uma ciência é o fato de que ela é essencialmente **subjetiva**. Isso quer dizer que sua aceitação na comunidade científica e como prova no tribunal ainda não foi comprovada. Apenas recentemente a análise de caligrafia começou a ser mais aceita como um processo científico produtivo e profissional, já que o treinamento dos analistas está mais padronizado e com normas de certificação. Os resultados de uma comparação de caligrafia nem sempre são aceitos como provas em um tribunal, em parte porque a ciência tem alguns problemas para resolver, como determinar uma margem de erro confiável em análises e estabelecer padrões para o processo. O uso de sistemas computadorizados para fazer as análises de caligrafia permite que os examinadores passem os manuscritos por scanners e digitalizem o processo de comparação. Isso pode acelerar a aceitação geral da análise de caligrafia como uma ciência e uma prova no tribunal.

A principal crítica à Grafologia é a falta de base científica que sustente o uso dessa técnica para a investigação da personalidade das pessoas. Mesmo assim, ela é utilizada pelas empresas como ferramenta de apoio.

A técnica de análise grafológica também é criticada por utilizar regras associativas de caráter simbólico ou analógico, sem validade comprovada. Por exemplo: palavras muito espaçadas demonstram tendência ao isolamento; escrita inclinada à esquerda simboliza ligação com o passado; letras pequenas são sinal de boa concentração mental.

Os críticos da grafologia alegam ainda que não há nenhuma prova de que a mente inconsciente seja um reservatório que guarda a verdade sobre uma pessoa, e muito menos de que a Grafologia ofereça um portal para esse reservatório. Há também a possibilidade de alguém ter conhecimentos sobre Grafologia e simular sua grafia, para parecer alguém que é o esperado para se apresentar. Por essas razões a Grafologia é considerada uma “**pseudociência**”.

Pesquisando junto ao Conselho Federal de Medicina (CFM), não encontrei nenhuma especialidade ou área de atuação que fale a respeito da atuação do médico na área da Grafologia, dentre as 50 especialidades e suas respectivas áreas de atuação, que constam no Anexo da Resolução do CFM nº 1634/2002. Não encontrei também nenhuma Resolução ou Parecer sobre esse assunto. Nada encontrei tampouco qualquer menção a esse respeito, ao pesquisar sobre o tópico na Associação Brasileira de Psiquiatria ou na Sociedade Brasileira de Neurologia.

No Código de Ética Médica, no Artigo 133 diz que é vedado ao médico “Divulgar, fora do meio científico, processo de tratamento ou descoberta cujo valor ainda não esteja expressamente reconhecido por órgão competente.

CONCLUSÃO:

Dessa forma, entendo que não há como vincular a profissão do médico ao estudo, aplicação e divulgação e ensino da Grafologia, no Brasil, como parte do seu exercício profissional.

A Grafologia, técnica que estuda a escrita das pessoas, não faz parte de nenhuma especialidade ou

área de atuação do médico, reconhecidas pelo CFM. Assim como, a Grafologia não dispõe ainda de estudos científicos suficientes, que indiquem a sua utilização como método de diagnóstico e aplicação na Medicina.

Portanto, não pode o médico aplicar, divulgar ou ensinar essa técnica, apoiando-se na sua profissão de médico.

É o parecer, SMJ.

Curitiba, 13 de setembro de 2008.

Cons. ROSENI TERESINHA FLORENCIO

Parecerista

Aprovado em Reunião Plenária n.º 2.082^a, de 22/09/2008 – CÂM I.